



ILUSTRACÃO PORTUGUESA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SÉCULO»

DIRECTOR — J. J. da Silva Graça
PROPRIEDADE DA Sociedade Nacional de Tipografia
EDITOR — Antonio Maria Lopes

NUMERO AVULSO, 50 cts.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:
Trimestre 6\$50. — Semestre 12\$00. — Ano 26\$00.
COLONIAS PORTUGUESAS: Semestre 14\$00 — Ano 28\$00.
ESTRANGERO: Semestre 17\$00. — Ano 34\$00.

Redação, administração e oficinas: — Rua do Seculo, 79, LISBOA

O melhor
Chá exportado da
Inglaterra é o
Chá Endvar

Solicitamos Agentes
Compradores para os
mercados onde não
tenhamos representantes

CHA ENDVAR

ENDVAR COMPANY LTD

Fabricantes e Exportadores de Chás, Conservas, etc.

38A KING WILLIAM STREET, LONDON E.C. 4



TONICO YILDIZIENNE

O tesouro dos cabelos

Faz nascer e crescer os cabelos. Cura a caspa, a canice, a calvice e todas as doenças do couro cabeludo em todas as idades e em todos os casos.

Tintura Yildizienne

Instantanea. A melhor e mais rapida do mundo.

Regenerador Yildizienne

Cora os primeiros cabelos brancos em 8 dias.

Schampoo Yildizienne e Skaffe

O melhor que ha para lavar a cabeça e tirar a caspa.

Brilhantina liquida Yildizienne

Para dar brilho e leveza aos cabelos.

Brilhantina solida Yildizienne

Ondulante favorece a ondulação e dá aos cabelos um brilho incomparavel.

Academia Scientifica de Beleza

Avenida da Liberdade, 23—Lisboa

TELEFONE 3641

Resposta mediante estampilha

Peçam em toda a parte os acreditados productos d'esta

ACADEMIA DE BELEZA

VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

Crown Rikton and Certon Mty. Co.

Machinas de escrever,
accessorios e oficinas de reparação:
Preços resumidissimos

Vende J. Anão & C.ª L.ª

R. Nova do Amparo, 6. 2.ª

Telefone 2536

LISBOA

Perfumaria
Balsemão

141, RUA DOS RETOZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

ANEMIA
DEBILIDADE, NEURASTHENIA, TISICA
Todos os Medicos proclamam que
• VINHO • **DESCHIENS** (PARIS)
• XAROPE •
de Hemoglobina
CURAM SEMPRE

ILUSTRACÃO PORTUGUEZA



MARIA EDUARDA LAPA DE SOUSA CALDEIRA

Distinta pintora que tem marcado no nosso meio de arte e cuja personalidade se vai afirmando num progresso notavel

MANEIRAS DE VÊR

Pergunta-me você, com o seu melhor sorriso, o que penso da ultima moda. E' a pergunta mais inocente que uma mulher, como você, pode fazer a um homem como eu. Mas, minha amiga, o que é que eu hei de pensar? Penso naturalissimamente, com Charles Nodier, que de todos os animaes são os gatos, as moscas e as mulheres que se preocupam mais com a sua *toilette*. Pois não sabia? E' curioso que as mulheres ignoram precisamente aquilo que toda a gente sabe. Ora oiça. A moda, que ainda ha pouco tinha obrigado a mulher a decotar-se pelo joelho — acaba de decretar, cheia de irrequieta volubilidade, simplesmente o contrario. Em nome de quê? Em nome das mulheres magras? Não. Em nome das mulheres gordas? Ainda menos. Simplesmente em nome dum capricho do *Quartier Saint-Germain* — o mesmo capricho que está inundando os vestidos de baile de enfeites de madreperola. Mais nada. E, afinal, hoje, na boca pintada das elegantes parisienses — traduzidas já, mais ou menos, em português, pela *Martin* — ha um brado de alarme de aparente pudor. Grita-se: abaixo os decotes — que é, como quem diz, um pouco mais acima. Nada de peito á mostra. Nada de seio á vela. Aenas, quando muito, um milimetro de colo nu, adivinhado como a sombra dum perfume, como a névoa dum misterio, sob a caricia branca duma renda. Dir-se-hia — não é verdade? — que voltamos ao tempo das capotas de palha de Italia e dos Josézinhos encarnados. E, entretanto, minha amiga, nada menos exato. E' certo que as mulheres se escondem pela frente — mas que importa se elas se revelam por de traz? Pois não vê os ultimos *corsages*, cujas costas não comportam senão fios de azeviche, e esses mesmo tão imperceptiveis que, á distancia, ninguem os percebe? *C'est le dernier cri*. Mas, desta vez, a moda foi, como poucas vezes, essencialmente logica. Não conheço nada mais delicioso para um homem do que vêr uma mulher do outro lado... Não está de acôrdo comigo? Ah! não? Então já sei: está em desacôrdo com a moda, por consequencia em desacôrdo consigo. Pois tenho pena, sabe, de a não vêr pelas costas... Não se zangue. Você deve ter umas costas bonitas.

Luis d'OLIVEIRA GUIMARÃES

A grande artista Lucilia Simões parte para o Brazil nos primeiros dias de maio. Do outro lado do Atlantico ha uma ansiosa expectativa. Todos recordam, comovidamente, a Lucilia que ha anos conheceram — uma Lucilia adolescente, esguia, com grandes tempestades moraes nos gestos e na voz, embora sempre equilibrada por uma estilisação perfeita de atitudes. E todos agora esperam a nova Lucilia, a Lucilia reaparecida, na plenitude da sua Arte, na absoluta harmonia do seu temperamento de artista. Não hão-de esperar em vão. Lucilia, no Brazil, deixará outra vez o rastro da sua gloriosa personalidade de actriz humana, prodigiosamente humana, humana até ao ponto de pôr em ritmo a humanida le sincera dos risos e dos soluços...

LISBOA, hoje, como nunca, é uma bela galeria de caricaturas que só esperam as legendas por baixo... Todos nós nos vamos encarregando de pôr essas legendas. Aos cantos dos cafés, no *frou-frou* mundano das pastelarias, na extremidade dos binoculos de teatro, essas legendas penduram-se, como esmaltes novos...

Clarinha, a escriptora ilustre, a mais admiravel anatomista das nossas elegancias ingenuas, das nossas *gaucheries* enternecedoras, encontrou uma bela sintese para as nossas casas de chá:

— Os chás, em Lisboa, são uma sensaboria. Aos chás particulares, só vão mulheres; aos chás publicos, só vão homens...

NO Porto, Leitão de Barros, um dos valores marcantes da geração nova, inaugura neste momento a sua exposição. Decerto, Leitão de Barros vai encontrar, no Porto, o mesmo carinhoso successo que em Lisboa o tem sempre acompanhado. Como aquarelista, muitoespecialmente, Leitão de Barros fixou um esplendido logar, um logar de relevo e de supremacia. De resto, ha a salientar que Leitão de Barros, entre os seus quadros, tem alguns de assuntos arqueologicos do Porto, que ficariam bem num museu local, como documentação e como beleza evocadora. Deve portanto interessar o Porto a exposição deste pintor — que já tem, entre nós um nome admirado e uma verdadeira consagração moça.

UM grupo de amigos e admiradores de Antonio Ferro oferece-lhe, brevemente, um jantar de despedida no restaurant Tavares, antes da sua partida para o Brazil. Será uma espontanea manifestação de camaradagem e apreço pelo autor conhecido e admirado da *Teoria da Indiferença*, da *Leviana* e do *Gabriele d'Annunzio e Eu*. Inscreveram-se já algumas duzias de nomes, dentre os melhores da nossa elite intelectual.

NO nosso numero especial da Pascoa escaparam alguns lapsos que é necessario salientar para os corrigir. Não se mencionou, por exemplo, a proposta da capa — reprodução do *Painel do Arcebispo* de Nuno Gonçalves — o arranjo decorativo que o cercava, obra do distinto arquiteto Cottinelli Telmo. Esqueceu tambem, no final do conto de João Ameal — *O Maleficio* — a indicação: do livro inédito *Baile de Mascaras*. Na evocação simbolista de Augusto Ferreira Gomes publicaram-se duas belas illustrações de Stuart Carvalhaes sem nome de autor. E, finalmente, por um equivoco, disse-se que Rafael Kirchner era inglez sendo antes um conhecido pintor austriaco — isto sem que Raphael Kirchner nos tivesse pedido para o naturalisarmos...



AQUELE PIERROT NEGRO

Para a grande alma de VEVA DE LIMA

«Je ne pouvais pas le regarder. Il n'était pas dans la vie. Et, cependant, je savais qu'il me regardait...»

JEAN LORRAIN

Eu comecei a olhar para o Pierrot...

Perdido entre almofadas — naufrago de luto entre as côres macias dos veludos — o Pierrot era um anjo caído, um anjo em derrota, desconjuntado, amachucado, lívido, lívido do seu grande sonho morto...

Não havia luz. No fim da tarde, ha um bocado em que a luz foge, em que a luz se esquece de viver... Não havia luz. A aureola macilenta, sonolenta, que andava, á volta das coisas, como um casulo cinzento, era o contrario da luz, era uma luz em espectro de além-tumulo.

Alucinavam-se as côres. As côres, quando a luz domina, sentem-se retraídas, vencidas. As côres só teem vida propria quando a luz lhes rouba a vida falsa que lhes deu... As côres são como os fantasmas que existem em todas as florestas, aninhados, escondidos, invisíveis. As côres são como êsses fantasmas — que só aparecem em noites muito pretas, para dançar então a sua ronda tragica. As côres são também como certas crianças fechadas de castigo — e que só correm e que só brincam e que só riem, quando as

deixam sair, livres, e correr, livres, no jardim... As côres estavam finalmente á solta, longe da tirania da luz que fugira... E vingavam-se então nos seus reflexos pálidos, nos seus tons malevolos e perfidos, que apunhalavam os olhos como aparições inimigas...

E eu comecei a reparar no Pierrot...

O Pierrot era negro, magro. Nem era mesmo magro. Não tinha um corpo, tinha braços apenas, braços que eram hastes dramaticas e esguias, baloiçadas num ritmo de derrocada; e tinha mãos, mãos de cera, hirtas, neurastenicis, verticais, com os dedos sempre apontados para baixo, como estilêtes dolorosos; e tinha uns sapatos negros, com duas grandes borlas vermelhas, ironia rubra na sua noite imensa de vestuario; e tinha olhos parados, vidrados, com a expressão decisiva de tudo o que é inexpressivo, olhos que interrogavam e prescrutavam, astros de ébano, na sua palidez excessiva e fatalista...

O Pierrot era um brinquedo-sintese, um brinquedo onde a tragedia se hospedava, quasi comica, mas violenta, febril, invencível, como um despoa...

E eu puz-me a pensar no Pierrot...

No Pierrot que era um boneco e que era um símbolo. No Pierrot que era, como boneco, uma visão de febre e de tortura, uma visão de calafrio e de suplício... No Pierrot que era, como símbolo, uma asa negra dobrada para a agonia, uma pequena estatua de sombra a lembrar o destino dos homens que são unicamente sombras de estatuas...

E, pensando, no Pierrot, eu descobria-lhe um sentido espiritual, uma psicologia própria. Ele era um cadáver de epopeia — uma grande epopeia que se afundara num lago negro... Ele era a ruína dum enorme vdo — um vdo que se quebrara de encontro a uma grande nuvem negra... Ele era uma vítima e um ídolo — vítima de fatalidades, ídolo de imaginações... Ele, sendo ele sempre, era nós, era todos nós, era a vida, era Icaro, era uma nevoa a enrodilhar-se num turbilhão, era uma fôlha a esgrimir no vento contra o espaço — era nós, todos nós, era uma humanidade, uma raça, uma raça de exilados, uma raça de mártires, uma raça que paira e que naufraga... Ele era da nossa raça, da raça única, a raça máxima...

E eu quiz escutar o Pierrot...

Mas o Pierrot não me soube dizer nada, mas o Pierrot não me soube contar nada... Eu interrogava o símbolo — e era o boneco que me respondia, frio, desarticulado, os braços como antenas crucificadas, a boca pontuada de indiferença, um imenso marasmo de ausência a flutuar-lhe, á flôr dos olhos... E per-

dia-se entre as almofadas, escoava-se pelas almofadas, como um ondular de bruma num canal de maciezas e de misterios... Ele abrigara-se detraz das almofadas de veludo — e ficava, de lá, a triunfar na sua ironia imóvel, sem um vinco, sem um gesto, sem um grito, e não me confessava nada, não queria, não podia...

E eu deixei de olhar o Pierrot...

A luz voltava. A luz só morre — para saborear a sua ressurreição. A luz quer ser destronada — para depois reinar com mais energia. A luz tem os seus caprichos, os seus desvarios. E a luz voltava agora, suave, diluída em sêda branca, pétala a desprender-se do luar, do grande roseiral claro do luar, fulgurante, místico, empoeirado de A'lem...

E eu tive medo do Pierrot...

Eu presentia que na sombra, o Pierrot se transformava, se agitava, num enigma... Eu sabia que as almofadas de côres sonambulas tinham voltado aos seus tons barulhentos, que a luz gritava, como um clarim, na sua aleluia nova... Eu sabia que o Pierrot estava diferente, estava outro...

E então venci o receio, possuí-me, numa reação, levei á força os meus olhos até ao recanto daquela sala...

E eu reparei mais no Pierrot...

O Pierrot era o mesmo. E eu contudo, compreendi uma coisa: é que agora, e só agora, é que o Pierrot começava a reparar em mim...

João AMEAL

Do livro em preparação AS TRAGEDIAS SILENCIOSAS

Ilustrações de BERNARDO MARQUES





A «*Société des Amis des Lettres Françaises*» é hoje, em Paris, uma forte agremiação intelectual que tem realizado magníficas festas de Arte e que, na sua progressiva evolução, tende a tomar a amplitude dum grande força de influencia e de propaganda. Na *Société des Amis des Lettres Françaises* dão-se, todas as semanas, banquetes de confraternização e de expansão literaria. Homem Cristo, filho, um dos portugueses mais considerados de Paris, escritor conhecido e aplaudido, toma habitualmente parte nesses banquetes, como graduado membro da *Société des Amis des Lettres*. A nossa fotografia reproduz o aspecto dum desses banquetes, onde se vê a grande romancista parisiense Rachilde tendo, á direita, Homem Cristo, filho, e á esquerda Georges Rosenthal, autorilustre do «*Royaume de la Perle*».

dois minutos de silencio



Lêna, depois Jorge, «Boudoir» elegante. E' de tarde, ouve-se o rumor da cidade. Lêna, recostada num «maple» folheia indolentemente um magazine. A scena passa-se em 9 de Abril de 1922, em Lisboa.

JORGE
(*entrando*)

—Dás licença Lêna?

LÊNA

JORGE

—Bom dia, Lêna.

LÊNA

JORGE

—Bom dia; estás zangada?

LÊNA

JORGE

—Tens alguma cousa? (*aflicto*) Tens alguma cousa? Estás doente? Emudeceste?

LÊNA

JORGE
(*beijando-lhe a testa*)

—Tens febre!

LÊNA
(*afastando-o*)

JORGE

—Ah, não, não! Tu enlouqueceste; não estás em teu perfeito juízo e eu estou já farto de te aturar. Não me bastando a tua mãe, com os seus ataques hebdomadarios e os seus insultos de hora a hora, tenho agora que te aturar! Mas não, não; isto assim não pode continuar, estou farto! (*poem o chapéu*) Parece que te fiz algum mal...

LÊNA

—Só te parece? .. Ha quinze dias que estamos casados e, a noite passada, nem sequer me apareceste em casa; vieste de madrugada...



JORGE

—De madrugada, não! cheguei a casa á uma da noute, estavas a dormir...

LÊNA

—A' uma não! Vieste ás sete.

JORGE

—A' uma!

LÊNA

—Mentes; vieste ás sete! (*o relógio dá quatro horas apre. sadas*).

JORGE
(*para o relógio*)

—Cala-te; já disse que vim á uma; é escusado repeti-lo quatro vezes!

LÊNA
(*triste*)

—E, não contente com o meu mal, ainda gracejas!... Ha só quinze dias que estás casado o já não te basta a tua mulhersinha, a tua Lêna; precisas ir procurar *outras* lá fóra!

JORGE

—Então, ha ainda pouco tempo; ninguem se habitua depressa a este drama de casar.

LÊNA

—E enganas-me, enganas-me infamemente? Dize, dize depressa: com quem estiveste a noite passada?

JORGE

LÊNA
(*nervosa*)

—Ah, não queres dizer o seu nôme!... O seu nôme, não; não é um só são muitos!... Onde estão elas? Fala.

JORGE

LÊNA

—Cobarde! Acusam-te e nem ao menos tentas defender-te Ah, mas has-de-me dizer o seu nôme, quero sabe-lo! Dize, anda, fala!

JORGE

(*com um suspiro profundo cae desalentado num divan*)



LÊNA

—E não tens remorsos! *(pausa)* Mas fala; diz qualquer cousa; insulta-me, ao menos... *(silêncio de Jorge)* Mas, mas responde-me! Isto assim é um inferno *(pausa)* Então?...

JORGE

(suspirando de novo)

LÊNA

(levantando-se, sobresaltada)

—Mas porque não me respondes?! Estás doente? *(aflicta)* Jorge, fez-te mal; responde? *(beija a testa de Jorge que a afasta)* Tu tens febre! As minhas palavras pozeram-te doente! *(ajoelhando-se-lhe aos pés)* Perdoa-me Jorge! *(pausa)* Mas fala, por amor de Deus dize-me que não tens nada de cuidado... *(mesmo silêncio)* Responde-me...

JORGE

—Estou muito doente! Estou farto de aturar uma mulher massadora...

LÊNA

(irritada de novo)

—Ah, massadora!... Sim, sim! Eu aborreço-te! enervo-te; eu que estou sempre socegada, calada que não faço mal a ninguém!... Enervo-te porque tu me odeias; aborreço-te porque tu já não te importas com a tua mulhersinha, com a tua pobre Lêna, com esta boneca adorável!... *(outro tom, triste)* Tu não gostas de mim, pois não?

JORGE

LÊNA

—Odeias-me; não é verdade, meu amor?

JORGE

LÊNA

—Ah, não respondes! E' porque é verdade que já me não amas, que me aborreces, porque me odeias!... *(chora)* E nem ao menos tens pena de que esteja a chorar; que a tua Lêna esteja a chorar por causa do senhor seu marido.

JORGE

LÊNA

(numa subita transição altiva)

—Pois bem, podes enganar-me á vontade! E's-me indiferente! E's asqueroso; odeio-te!

JORGE

(exaltado)

—O quê, o que dizes? Lêna! Não queres saber de mim?! Sou asqueroso?!... E' então certo que eu te sou indiferente?

LÊNA

JORGE

—Não respondes é porque é verdade!... Tu, tu afinal é que és a unica culpada!... *(silêncio de Lêna)* A unica culpada!...

LÊNA

—E nem sequer te defendes! Acusas-me de te enganar ao fim de quinze longos e insuportaveis dias de casados e tu, tu é que me enganas, naturalmente... Desmente-me, se és capaz...

LÊNA

JORGE

—Ah, não respondes! Eu bem o sabia!... Tu enganavas-me! Mas não, quero saber o nome do teu amante, os nomes dos teus amantes!

LÊNA

JORGE

—Anda, fala; quero mata-los; *(tira uma pistola)* ouve bem: que-ro-ma-tá los; meta uma bala na cabeça de cada um—a não ser que as balas me não cheguem... Fala! Diz-me o seu nome!!!

LÊNA

(muito devagar)

—Pois bem, vou-te dizer com quem te engano. *(Ouvem se dois tiros de canhão, signal para começarem os dois minutos de silencio. Pára o rumor da cidade; ha uma calma tumular).*

JORGE

—Fala; fala depressa!

LÊNA

(baixinho, fazendo-lhe signal para que se cale)
—Sch, o silencio.

JORGE

(descobrimdo-se, muito de vagar)

—O silencio; o maldito silencio!...

ALFREDO ARY



D U Q U E Z A D E P A R M A



A infanta Sr.^ª D. Maria Antonia de Bragança, Duqueza de Parma



O Sr. / on Alexandre Padilla, ministro de Hespanha, beijando a mão da Sr.^ª Duqueza de Parma, a bordo do «Funchal» (Chichés Salgado)



Em mim existe um Anjo, um diabo e um homem,
Todos três numa guerra permanente,
Que dia a dia em lutas me consomem
E me dão este ar triste e doente.

Que as mãos de Deus, em seu regaço, tomem
O Anjo que em mim existe, transparente,
E o homem que sou as tuas mãos, ó Mãe,
Na forma d'Hoje, transitoriamente.

O diabo, que em mim ha, esse que morra,
Perdendo-se na Noite dos mortais!
Que eu não sinta jámais, por mais que corra

Atraz de mim, seus passos infernais:
E de mim proprio, enfim, tire a desforra
De ser apenas Anjo e nada mais!



O ilustre pintor João Vaz, entre os seus quadros, no salão Bobone

A nota mais destacavel e mais forte da exposição da Nacional, que êste ano madrugou de um mês, dá-a Columbano. Mais uma vez, êsse prodigioso bruxo nos oferta, a pinceladas doces como sons, o embriagamento da côr.

O notavel pintor, que é um exemplo de ideal e probidade, tem, nos seus dois ultimos retratos femininos, mais dois magnificos documentos do seu permanente e nobre desejo de beleza.

O retrato de sua sobrinha—terceiro de uma série iniciada com uma das obras mais interessantes do mestre—vem opulenta a galeria feminina do autor; um dos poucos que tem sabido tratar com eternidade e solidez a fugidia elegancia da dona moderna.

Arriscada combinação de tons róseo-vermelhos, só possivel a um tecnico consumado, êsse retrato audacioso tem, como sempre sucede nas obras maiores de Columbano, certas zonas de carinho absolutamente inexcediveis de vigor e de encanto. Um dos braços da retratada, por exemplo, é uma maravilha de sangue a circular sob a pele. A capa negra que, pousada na cadeira, mostra o fôrro matizado, demonstra o partido que pode tirar

das modas um artista nascido para imortalizar o seu tempo.

O segundo retrato, um busto luxuoso de senhora, realizado, com extraordinaria macieza, em tons suaves, é outro primor de delicadissimo colorido: um colloquio embevecido, ameigante, entre o pincel, a carne e as roupas. Do colo pálido, a cabeça emerge com enlêvo; o cabelo amorosamente plantado, a testa modelada com ternura, as graciosas pérolas do colar e a acariciadora dissonancia da pluma verde, quasi liquida, do leque, são coisas que só raras vezes a pintura nos dá assim musicalmente.

Ha ainda de Columbano uma aguarela, trabalhada como uma tela: *A minha casa de jantar*, preciosa de entoação e intimidade.

Vem depois Antonio Carneiro com um bom retrato de professor, e segue-se Martinho da Fonseca, que expõe dezaseis trabalhos. Um pouco frouxo nos desenhos, Martinho da Fonseca é um pintor delicado. Entre os seus óleos sobressaem dois quadros de flores, e muito em especial, o gracioso *Nevoeiro*: um busto risonho de loira, de luvas

cinzentas e pele ao pescoço, tratado com elegante finura.



O retrato de uma sobrinha de Columbano, pintado pelo grande artista

Salgado dá-nos, além de uma réplica em ponto menor do seu imenso *Cristo* naufragado no «Santo André», um carregado retrato de senhora, varias scenas aldeãs e uma paisagem: *Tempo de chuva*.

De Luciano Freire, que, absorvido pelos seus beneditinos trabalhos de restaurador, ha muito não expunha, vêem-se um retrato de homem, correctissimo, e o melancólico *Canal em Bruges*.

A paisagem está representada por Alves Cardoso, Abel Santos, João Augusto Ribeiro, Antonio Saude, José Mota, Adriano Costa, Fernando dos Santos, Lúcio, etc. Apontarei *A vindima* do primeiro, o *Outono* do segundo, a *Paisagem da Beira*, de José Mota e a *Manhã de nevoeiro* do ultimo.

Emerico Nunes, caricaturista, tem uma desenfasiante nota de neve encaixilhada a branco.

Dos quadros de Francisco dos Santos, é frisante de attitude o *Estudo para «As mulheres da Mouraria»*, e muito decorativo o n.º 125, *Laranjas*. Como escultor, a sua nova *Salomé*, a dançar nua em tórno da cabeça degolada, não faz esquecer o mármore admiravel que elle já consagrou á saltatriz da perdição.

Quem melhor se afirma na escultura, é Anjos Teixeira com uma obra de valioso destaque: o busto de Aquilino Ribeiro.

Bonito demais o *riso* de Simões de Almeida, Sobrinho.

Costa Mota continua a occupar-se do *Chifado*.

Quer-me parecer que ao seu dissertante e sentado poeta falta o pitoresco do frade das *Parvoíces*.

No *Virtato* de Julio Vaz Junior, espécie de espantallo enfurecido, falta em grandeza o que sobra em tamanho.

Como aguarelistas figuram Alves de Sá, pouco feliz desta vez, Leitão de Barros, Alfredo de Moraes, Ortigão Burnay, Martins Barata, Jorge Pinto e poucos mais.

Na architectura ha um expositor: Norberto Correia.

JOÃO VAZ

O que o mestre dos barcos nos mostra de melhor na sua nova exposição é ainda um barco, e esse encantador de tonalidade e placidez: *A lancha do Zé Perpétuo*.

Das telas maiores, salientam-se a *Prata (Cruz-Quebrada)* e a romantica *Abandonada*.

Ha ainda interessantes, sobretudo como pintura documental, a *Albergaria dos ovelheiros* e *O castelo*, em Viana do Alemtejo; dois retalhos da Torre de Belem, *A ponte levadica* e *As guaritas*; e o *Portal do mosteiro de Jesus*, em Setubal.

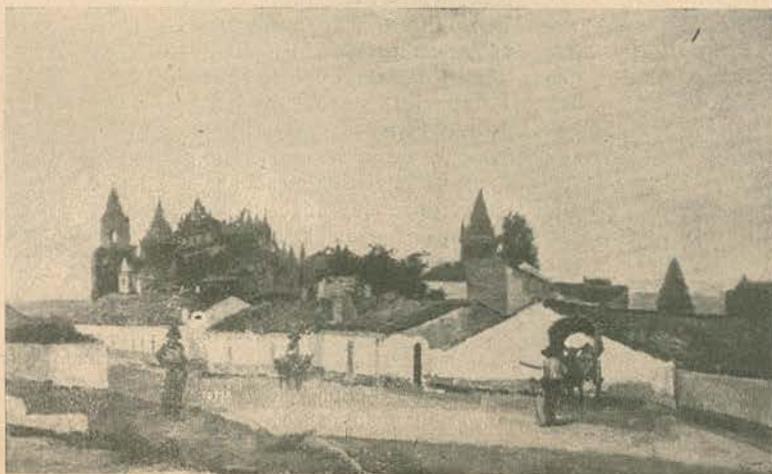
Não são desagradáveis *O rio de Portimão* e *A Troia*. Dos apontamentos de Italia, um do Lago de Como é o mais apreciavel.

MANOEL
DE
SOUSA
PINTO

(Clichés
Salgado)



A Salomé, de Francisco Santos



«Em Viana do Castelo», quadro do pintor João Vaz



JOSÉ PACHECO

O Salão da *Ilustração Portuguesa* vai ser transformado num pequeno teatro de arte, onde se realizem conferencias, sessões de Arte, exhibições de bailados modernos e representações de peças em um ato. E' uma curiosa iniciativa, desconhecida entre nós e que decerto chamará as atenções e os aplausos unânimes do publico. O autor do projecto é o distinto e conhecido architecto Jose Pacheco, cuja individualidade originalissima mais uma vez se afirma, vitoriosamente, nesta sua obra. José Pacheco é um dos melhores valores da nova geração — um daqueles que merecem, com mais efusiva simpatia, o nosso apreço e a nossa homenagem.

ZOIOS E ARISTÁRCHOS

A epopeia de Fiume — Um capítulo de política internacional a proposito de "Gabriele D'Annunzio e Eu" de Antonio Ferro

O último livro de Antonio Ferro evoca a epopeia de Fiume. Li-o com a atenção que merece. Antonio Ferro é um dos escritores mais em destaque na moderna geração e Fiume envolve o nome de D'Annunzio que poz toda a Italia no seu gesto de garfundo.

Luiggi Zuccaro, quando me escrevia amudadas vezes de Alessandria, e Paulo Barreto, quando palestravamos nas luminosas noites do Rio de Janeiro, davam-me sempre noticias desse glorioso poeta da «Nave» que aos meus olhos, como aos de Antonio Ferro, tinha já alcançado a categoria de um idolo.

Renovador augusto da poesia italiana, que Carducci creára, a grandeza da patria era a sua ideia fixa.

Bastará lembrar que, aos onze anos de idade, ainda quando discipulo do colegio florentino de Prato, já escrevia estas palavras a seus paes:

«A minha primeira missão, sobre esta terra, é ensinar ao povo a amar o seu paiz e a ser gante honesta; a segunda, é odiar até á morte os inimigos da Italia e a combatal-os sem cessar.»

Era o iluminado que começava a falar assim. Na paz dulcissima da sua vila de Marina de Piso, na embocadura do Arno, tendo as aguas do Mediterraneo a bater-lhe a muralha do jardim, desfazendo-se em chuva de perolas, na resaca, de encontro ás vidraças, D'Annunzio, já imortal como poeta, dispensaria talvez os louros de soldado se não amasse a Italia acima de tudo.

Preferiu, por isso, os perigos da guerra aos galgos favoritos, aos longos passeios na vizinha propriedade real de San Rossoro, e ás batidas pela floresta que enquadra um dos lados da sua vila estendendo-se até Livorno. A serena paz com que flava, no horizonte, o recorte pronunciado da cadeia nevada dos Apenninos, quando filligranava joias literarias entre o vermelho dos seus damascos, foi substituida abruptamente pelos azares das lutas longe da bonhomia do seu creado Rocco e da sua velha Anastacia. Porque a patria era e é para ele a unica razão dos actos que pratica quer como poeta quer como soldado, duplamente coberto de palmas. Pela Italia é que D'Annunzio pronunciara, perante o rei, junto ao rochedo historico onde Garibaldi reuniu os seus cem expedicionarios para a conquista da Sicilia, aquele celebre discurso que levou os italianos á defeza da causa da civilisação. Essas palavras foram como que o manifesto da guerra que ultrapassou os Alpes, a scentelha que fez vibrar o poeta nas fileiras, que o tornou aviador, que o sublimou no Carso e na Gorizia, na defeza de Veneza, combatendo heroicamente nos alagadiços da foz do Tagliamento ou voando, intemerato sobre Viena. A Italia coube a honra de fazer baquear o trono dos Habsburgos com a memoravel victoria de 3 de novembro de 1918 e apressou o proprio desfecho da guerra com o novo armistício surgido oito dias depois. Na suprema prova do sacrificio a que se entregou mobilizando cinco milhões de homens e criando uma divida de oitenta bilhões de lras, cuidava porém a Italia conseguir com o sangue dos seus filhos a realisção do sonho irredentista que ballava em Fiume e em toda a Dalmacia até Ragusa ou Cattaro.

Pelo pacto londrino pertencer-lhe-ia a margem oriental do Adriatico e a Servia prolongar-se-ia até esse mar. Ignorando a existencia desse accordo, os Yugo-Slavos auxiliaram as nações aliadas, uniram-se á Servia e pensaram logo na constituição de um grande reino que abrangesse a Croacia onde está Fiume, sobre o golfo de

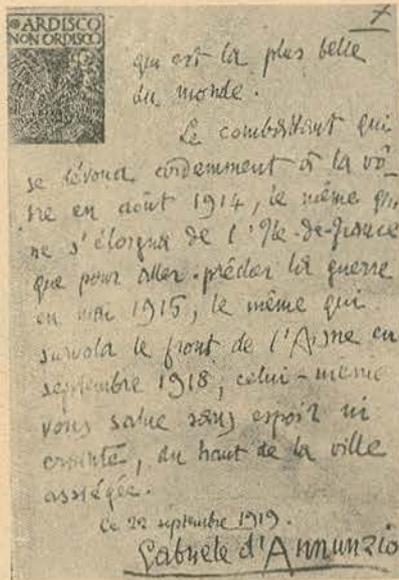
Quarnaro. Convem dizer que Fiume é o escoadouro privativo, para o mar, de todo o actual «hinterland» da margem oriental do Adriatico, principalmente da Croacia, da Bohemia e da Hungria. O presidente Wilson, mercê dos principios com que os norte-americanos entraram na guerra, sustentando caber á propria Italia e ás potencias que se mantiveram ao lado da Italia durante a guerra, pela liberdade do mando, assegurar a liberdade dos novos Estados, tanto como a propria, opoz-se intransigentemente á cessão de Fiume á Italia. Os italianos alegraram então que em 1776, quando Maria Tereza quiz unir Fiume á Hungria, atravez a Croacia, a população protestára e, depois de tres anos de lutas, obtivera a revogação do decreto, substituido pelo de 1779, que uniu Fiume directamente á Hungria, na qualidade de «Corpus separatum». Em 1848, os croatas apoderaram-se de Fiume Deja violencia, mas a despeito de isso, conservou o seu caracter italiano e recusou-se a enviar representantes á Dieta de Zagabria.

A Hungria quiz regular a posição jurídica de Fiume, em 1867, tentando os croatas a posse dessa cidade. Foi tão forte a opposição dos seus habitantes que se tornou

impossivel qualquer accordo e ficou autonoma. Em sessão do parlamento húngaro, de 1 de outubro de 1918, o deputado de Fiume declarou que esta cidade era bem italiana e repella toda a anexação á Croacia. Daí o motivo porque depois da derrota da Austria Hungria, no dia 30 de outubro de 1918, os habitantes de Fiume proclamaram, por um plesbício unanime e por uma manifestação de mais de 30.000 pessoas, a sua união á Italia. Vê-se pois que, embora Fiume esteja encravada na Croacia, não foi sem fundamento que a Italia reclamou a sua posse. Já Dante afirmava que, desde Porto-Ré e Buccari, na altura de Meja e Terzato, até ao extremo de Fiume, geografica, historica e politicamente, estava confirmada a compleição da peninsula italiana.

O gesto heroico de D'Annunzio querendo anexar Fiume á Italia veio pôr em destaque a chamada questão do Adriatico. Mas que era essa questão que tanto incandesceu, chegando ao rubro, na politica internacional? Apenas um jogo de interesses em prejuizo da Italia que, em 1914, dominava aquele mar, com a Austria Hungria. A maxima aspiração dos austro-hungaros era a expansão para o oriente, em pairar sobre os paizes balticos olhando, mais além, Constantinopla o caminho do oriente asiatico fechado ao comercio russo. A Alemanha apoiava a Austria nesses desejos. Por sua vez, a Russia e a Inglaterra alimentavam a mesma ambição pensando esta ultima, acima de tudo, na defeza das suas posições no norte da Africa e na Asia. Comtudo a Italia, que já havia progredido imensamente nos ultimos anos do seculo passado, ao começar a guerra, reclamava apenas a incorporação da Istria e do Trentino, paizes largamente habitados por italianos e que representavam, para a Austria, o condominio do Adriatico, indispensavel á sua irradiação militar e á sua expansão economica.

Como a Alemanha não a auxiliasse nessa pretensão justa, para a realisar, e sob promessas formaes, entrou em accordo com a Entente assinando o pacto de Londres. Caiu o Imperio dos Habsburgos, a Russia desmoronou-se, a Alemanha foi jugulada e o caminho dos Balkans, de Constantinopla, da Asia Menor, de todo o Oriente, apureceu, neste momento, como que destinado a ser percorrido pela Italia. Percebendo isso, a Inglaterra insinuou á França a ideia maquiavelica de unir á Servia alguns destroços austriacos formando uma nova nação balka-



Final da carta que D'Annunzio enviou ao Excelsior, durante o cerco de Fiume

nica, á margem do Adriático. Seria uma barreira formidável contra as aspirações que a Itália era obrigada a manifestar em face dos novos acontecimentos. Surgiu assim a Yugo-Slavia logo reconhecida oficialmente pela França e amparada solenemente pela Inglaterra. Os italianos estremezaram indignados e exigiram depois toda a costa do Adriático indispensável, segundo afirmaram, á defesa da península. Clemenceau, defensor da Servia e afeiçoado á diplomacia britânica, começou tolhendo os passos aos representantes da Itália, na Conferencia da Paz, e estes só prometiam o seu apoio ás pretensões francezas sobre o Rheno caso as suas fossem também atendidas. Quando os francezes viram que não obtinham cousa alguma e entrou em discussão o problema do Adriático a França e a Inglaterra, manobrando os cordelinhos, desapareceram por detrás de Wilson que, não tendo nenhum interesse proximo ou remoto na questão do Oriente, exigiu uma solução apenas em harmonia com o seu programa de paz universal.

E, por tal modo, em virtude deste jogo de escondidas, creando-se a Yugo-Slavia para amordaçar a Itália, a expansionista de Tripoli, fechou-se á Alemanha o caminho de Bagdad, seu sonho dourado, e renasceu em peor pé, sem solução possível, o já velho problema oriental. Daí o motivo porque D'Annunzio, com o seu espirito culto, cheio de fé e de amor pela patria linda, bebendo nos estudos latinistas o gosto pela tradição historica e sabendo Fiume provincia romana até ao ano 438 antes de Christo e provincia veneziana até 1779, sempre falando a formosa lingua que ainda hoje fala, correu com os seus legionarios, a tentar a desejada anexação. Seria um égolatra, como Hugo? Seria um cabotino com algum talento? Chamaram-lhe tudo. Ele era porém e tão somente a incarnação do genio latino. A sua lira, já coroada de louros, foi posta heroicamente ao serviço da patria que lhe roubou um dos olhos tornando-o fisicamente semelhante ou quasi semelhante a Camões, a Castilho, a Homero e a Milton. Os que o depreciaram, fitando-o, negaram com o sol que lhe illuminava a alma e escabujaram com os fremitos da inveja. É a celebre fabula das rãs com applicação certa em todos os tempos... Se a Servia teve o Montenegro, a Belgica incorporou o Limburgo holandez, a França quiz a bacía do Sarre, a China foi mutilada pelo Japão, a Inglaterra enlaçou a Persia e a Polonia pediu Dantzic, que razão haveria para que a Itália abrisse mão de Fiume ha tanto desejada? D'Annunzio occupando Fiume falou ao mundo a linguagem heroica do seu povo e poz na sua espada o mesmo brilho que se desprende da carta que, em Janeiro de 1919, dirigiu aos dalmatas. Combatendo denodado contra a politica alemã de Crispi e contra a comoda neutralidade de Giolitti assumiu as gigantescas proporções de uma figura de lenda, como disse Max Nordau ao falar do gesto D'annunziano. A voz dos poetas não costuma chegar ao parlamento mas a do autor do «Il Fuoco» entrou, com vibrações marciaes, no congresso de todas as nações civilisadas. Gabriele D'Annunzio foi um moderno Tyrtéo, aquele Tyrtéo, poetaa teniente que, com os seus cantos heroicos, animava os espartanos na segunda guerra dos Messénios. A occupação de Fiume foi uma satira jogada ás faces da mentira diplomatica imperialista de que nos falou Paulo Barreto na pagina que reproduzimos, revista, emendada e anotada por seu puño.

«Existe-ancora chi no vuol bene al poeti?»

Censuraram-no pelos excessos do «Phenice!» nos baptismos dos «Cabeças de ferro» que sempre findavam com a canção de guerra dos «arditi»:

A la morte* a parò, parò
Eia carne del Carnaro
Alaiá!

O ex-deputado Ricardo Zenella procurou desprestigiar-o, esse Zenella de quem o povo cantava, repudiando a sua origem fiumense:

Suo padre è tridentino
Sua madre è fulana
E viva Zenella
Il gran fiumani:

Fôra de Italia, Juan José de Soiza Reilly, de «La Razón» (Montevideo), recebeu friamente pelo poeta, vingou-se dizendo-o Gaetano Rapagneta, em vez de Gabriele d'Annunzio, e a versão correu mundo por entre a mófa dos detractores mesquinhos. Todavia veiu a saber-se que Rapagneta era o nome daquelle bom velho, inseparavel de Gabriele, que lhe pagara os primeiros estudos e que lhe queria tanto como se fôra seu filho e não de Francisco Paolo d'Annunzio e de Luiza de Benedictes. Inventaram as mentiras mais torpes e pintaram o vate glorioso com as tintas mais negras todos quantos favoreciam os interesses daquelle que desejavam Fiume não italiana para, assim dominarem o mercado mundial de cereaes e petroleo. Porque sem Fiume não ficaria completo o plano ao qual pertencem Smyrna e Alexandreta, como chaves da Asia Menor, Constantinopla, como eixo do movimento comercial para a Ukrania e Batum, porta da Arménia e a melhor sahida do petroleo de Bakú. A Yugo-Slavia foi um senhorio apenas nominal forjado pelos capitalistas donos absolutos de todo o Levante, Constantinopla e o porto de Batum, que constituem uma especie de protectorado norte americano.

D'Annunzio que na «Nave», num grande egoismo patriótico, chegou a pedir:

Fa di tutti gli Oceani il
Mare nostro!

que exclamou em Fiume:—«Ho arrisciato tutto per salvare l'Italia!» que mudára os nomes de todos os barcos detidos á sua ordem baptizando-os com nomes de terras irredentas, que entrara na maior aventura dezoito dias antes do 41.º anniversario da entrada de Garibaldi, o «Cavaleiro dos Dois Mundos», em Roma, immortalisou-se tantas vezes quantas as horas que

manteve Fiume, integralmente, nas suas mãos. Apellou para a Norte America e para a França, na carta do «Excelsior», e para todo o mundo. Venceu a convenção, a mentira, o interesse. Mas a Itália não morreu e Fiume não se perdeu de todo porque muito ganhou, para a sua independencia, com o esforço decidido do poeta-soldado. A palavra de D'Annunzio levou os italianos á guerra e a sua espada, em Fiume, sem fazer sangue, escreveu um poema de vingança contra os inimigos da Itália que a deixarem desamparada no desastre de Caporetto e só a secundáram quando se aperceberam de que residia nela o equilibrio europeu durante a campanha que agitou o mundo. Na mensagem que o proclamado Regente do Quarnero enviou á America do Norte, pelo seu amigo Whitney Warren, perguntava com poderoso fundamento: «Se Fiume não fosse sinceramente italiana, como poderia eu occupal-a com um punhado de homens, sem ferir um só golpe?» — Os pygmeus, desconfecendo os bastidores da politica internacional, não compreenderam a obra do gigante e começaram apeadejando o sol. Em Portugal, não se fugiu á regra. Actualmente ha, entre nós, mais criticos omniscentes, sacudindo lantejoulas e vestindo fatos de arlequin, de que bons autores, psicologos, impressionistas ou simplesmente futéis mas de adoravel plasticidade. Hoje ha muito quem escreva mas bem poucos são os que produzem, pelo menos, o interesse da novidade. Eis porque li com intenso prazer a ultima obra de Antonio Ferro. Quem olhar para a capa do livro ha-de julgal-a pretenciosa pelo seu titulo. Todavia logo no prologo se encontra a justificação plena na sua admiracão esplendida pelo Poeta Maximo da Italia. É facil achar um motivo logico onde poderia julgar-se apenas uma vaidade, aliás



«A voz da visão.» Avanti... D'Annunzio! (de J. Carlos)

com razão de ser apregoada. Admirar D'Annunzio⁷⁶ respeitar e exaltar as glórias da Italia. E' louvar o poeta e o heroe. Falar de Fiume, com o entusiasmo sincero que se nota nas paginas de Antonio Ferro, é combater a mentira, a hipocrisia diplomatica. E' engrandecer-se, como escritor, aos olhos da Arte. Antonio Ferro sabe cinematografar impressões. E' emotivo e comunicativo. Cada frase das suas traz-nos sempre alguma coisa util ou agradável. Ha aqui uma observação, e além um comentario a tempo ou um conceito criterioso.

E' um honesto no sacerdocio literario. E tem uma virtude, uma grande virtude:—sabe escrever portuguez. A sua prosa é movimentada e colorida. A audacia, como muitos lhe chamarão, não é mais do que a certeza do proprio valor. Quando não ha espirito, quando o talento não fulgura, de nada vale fazer frases, alinhá-las, burilá-las. Não-de resultar sempre sem aquele calor que logo se comunica a quem as lê quando elas foram caldeadas pela chama da intelligencia. E' facil dizer mal mas muito difficil imitar, ainda que se queira,

esses defeitos alheios quando eles são afinal virtudes mal comprehendidas ou propositadamente desvirtuadas pelo despeito ou pela certeza da propria mediocridade. Em «Gabriele D'Annunzio e eu» não ha confrontos preestabelecidos pelo autor, ha só paralelos de emoção, de alevantamento espirital, que ressaltam facilmente á vista do leitor. Kermesse de cronicas de viagens, tocadas de luz viva, impregnadas de alma vibratil e ardente, este novo livro de Antonio Ferro é uma obra superior que o colocaria em destaque se outros trabalhos anteriores não lhe tivessem aureolado já o nome com os aplausos que merece.

Talvez haja quem conteste. Quero crêr, porém, que quem o fizer ou não leu o livro ou não o compreendeu (do que não tenho culpa) ou mina-o, pelo menos, o despeito de não ter apertado, como Antonio Ferro, entre as suas, a mão heroica D'Annunzio que vale muito mais, até silencioso, do que todos os Zollos transtornados em Aristarchos...

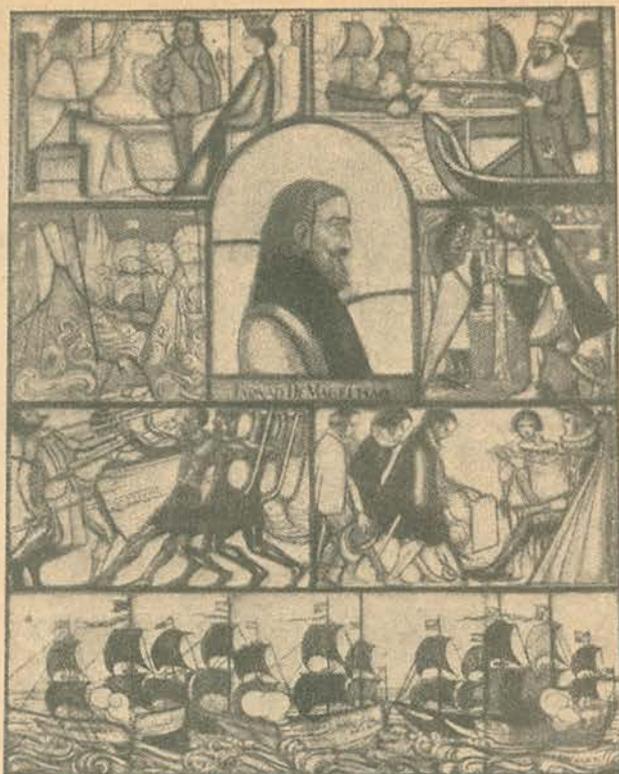
MARIO MONTEIRO

Da Academia de Sciencias de Portugal



—«Accesso de delirio nacionalista do az dos poetas, na sua carta aos almatas»

(De Le Rire de Paris)



FERNÃO DE MAGALHÃES

A Holanda, paiz que mantem desde ha muito tempo, relações de grande amizade com Portugal, talvez o unico paiz da Europa onde é mais conhecida a nossa lingua e onde se publicam livros em portuguez, paiz amigo que recolheu dentro das suas fronteiras, os judeus residentes em Portugal, expulsos no reinado do sr. D. Manuel I, enviou a Lisboa delegados do Comité Fernão de Magalhães, de Amsterdam, os srs. Jean Filnes e dr. H. Blink, que vem entregar ao nosso paiz objectos de arte que simbolisam a admiração que esse povo trabalhador e hospitaleiro, tem pela memoria dum dos maiores navegadores portuguezes. A Holanda possui ainda aquella qualidade rara de saber admirar os heroes, pertençam eles a qualquer paiz. No numero desses objectos, figura pelo seu alto valor e significado um vitral—um vitral saudade, o vitral da raça, trabalho do pintor holandez Jan Toorop que cuidou com notavel talento pictórico, as scenas da vida desse navegador ousado, o primeiro que rodeou o mundo, atravessando oceanos quasi desconhecidos.

O vitral de Jan Toorop é oferecido pela Holanda, á nossa Sociedade de Geografia que tem sabido cultivar e espalhar o culto dos nossos heroes.

Rodeando o vitral encontra-se a seguinte legenda:

A Fernão de Magalhães, quem primeiro navegou pelo Estreito que dele recebeu o nome, e novos mares reconheceu, em testemunho da admiração deaicam os holanaezes.

Esta obra de arte foi muito admirada pelos holandezes, durante a vizita que fizeram á exposição que se realisou no Museu Municipal, dessa cidade.

Brevemente Jan Filnes e o Dr. H. Blink estarão em Lisboa, serão durante alguns dias nossos hospedes. A «Ilustração Portuguesa» associa-se a todas as festas que forem feitas em suas homenagens, gratidão do que a Holanda, paiz muito culto e sincero, soube fazer, salientando-se sempre—e em homenagem, ao grande navegador portuguez, orgulho de Portugal e de todo o mundo civilisado.



AS MÃOS CRUCIFICADAS

EM certo café ali da Baixa, um café recatado, discreto, que se esconde despercebido do tumulto da rua, conheci a noite passada aquela estranha pianista de quem me haviam falado.

É uma mulher já fanada, gasta, com uns leves vestígios de beleza quasi extinta e uma compostura amarfanhada e fina inculcando raça.

Quando eu entrei estava ela a tocar... Tive a impressão de que ninguém ouvia. E no entanto o piano resoava ruidosamente. As cordas agitavam-se, resfolgavam numa revoada de tons lasso, dissonantes, que se partiam, desarticulados, pelo ambiente.

No seu rosto vincava-se uma expressão dolorida, de sofrimento, de amargura íntima. Dir-se-ia oprimida no remorso duma profanação, dum irremediável delito.

As suas mãos, por vezes, vibram no teclado, nervosas, anhelantes, inflamadas talvez no anseio duma chama desfeita ainda a queimar-se... a arder em cinzas. Mas os sons resvalavam, falsos, desafinados, — tristes pedaços de alma daquele instrumento de crepito, mutilado, em ruínas.

As ultimas notas desprenderam-se, rolaram, esmoreceram para ela como um alívio.

Recortada numa penumbra esvaecida, a sua figura de-enhava-se agora, impressionante, nos traços empalidecidos de toda uma mocidade destroçada, amortecida.

Ondulava ainda nos seus olhos, uns olhos nostal-

gicos, marejados de treva, como que o desvanecido-fulgor duma ancia devastada, dum louco sonho torturado, despedaçado em magua.

Pelas curvas desmaiadas do seu peito descia, tremulava um perfume dissipado, o perfume que certas plantas raras, exóticas, deixam a sucumbir pelo ar, quando se definham e morrem.

E no recorte elancado, heraldico, do seu corpo fenecido, realçando do destroço enlvecido das formas, destacavam, estilizadas, esculturaes, as suas mãos esguias, umas mãos assetinadas, moldadas em delicado nacar, — ultimos trofeus de beleza que a dor ainda não consumira.

Os seus gestos flutuavam, feitos de iriado arminho, em brandas, debeis ondulancias musicas... Tinham crispações ritmicas, macias, de azas captivas... perdidas num vôo.

Nunca eu aasim vira umas mãos tão expressivas, tão eloquentes, vivas dum lindo passado disperso, derruido, exangue.

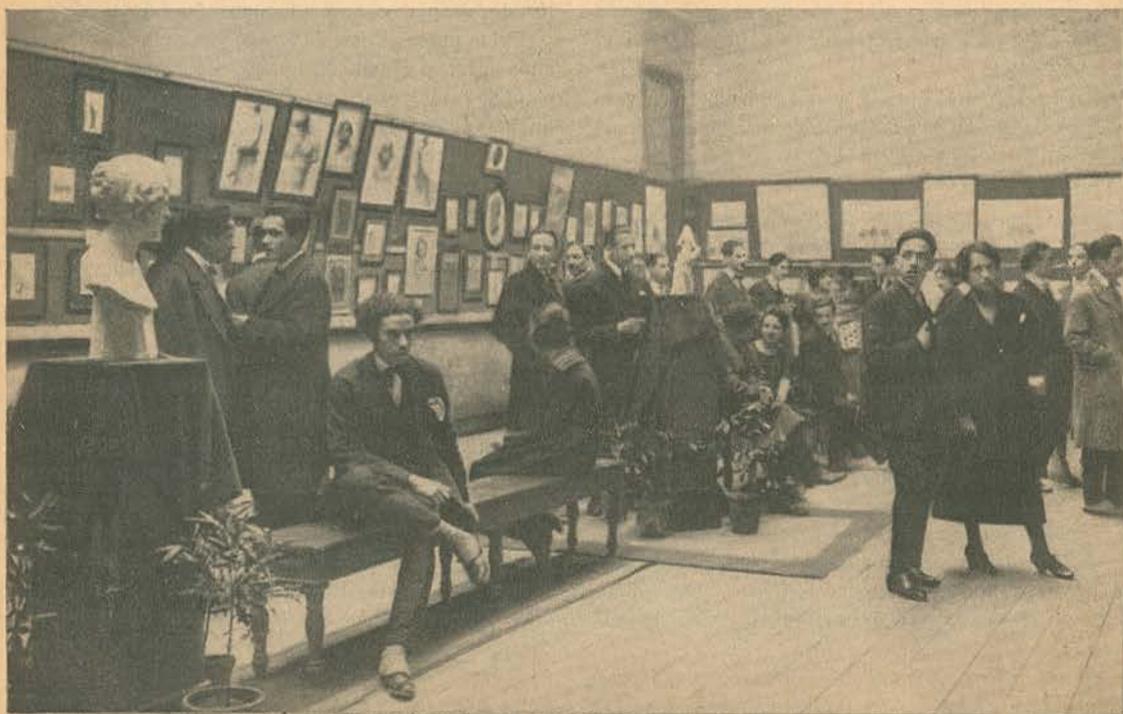
Os dedos eram longos, afuseados. E pareciam talvez querer despertar antigos poemas adormecidos, ritmos esquecidos, desfolhadas... na saudade.

E no esvoaçar confuso de imagens de grandeza e de quimera que eu vejo tombadas ao lembrar esta mulher do café, as suas mãos relumbram para mim como um grande segredo violado, — pobres mãos reveladoras, sugestionantes, rainhas destronadas dum reinado já morto...

ANTONIO DE MONSANTO



O Congresso de Educação Nacional. O sr. presidente da Republica rodeado de alguns dos ilustres autores das teses apresentadas no Congresso



Um aspecto do «vernissage» da exposição dos alunos da escola de Belas-Artes (Clichés Salgado)

O FILHO



(A MINHA MÃE)

O Manuel era o seu ultimo filho sobrevivente de numerosos irmãos, duma familia inteira que a morte implacavelmente ceifára, sem que os medicos soubessem ao certo porquê.

As ilusões da vida!... As esperanças duma mãe, as ambições dum filho! — que lindo quadro para as mais belas cores de qualquer artista!

Num horizonte cor de rosa, muito largo, desponta, ao longe, uma aurora luminosa e creadora... Um amor todo dedicação e sacrificio, terno e carinhoso, anima a alma que desperta, enche-a de uma confiança cega, de lutador antigo...

Assim, os obstaculos são tão faceis de vencer! Não é o exilo que nos incita. Nem se vêem as sombras dos concorrentes, ferindo-nos á traição. Nem se ouvem as algemas dos presidiarios deste mundo, a arrastarem-se nos caminhos alcantilados da vida. E as expressões sinistras da especie, ancestrais, apresentam-se transfiguradas numa grande e rude lealdade, numa franqueza generosa e repleta de bondade...

Os precipícios, por uma estranha miragem que não se oferece exclusivamente nos desertos, revelam-se-nos dulcificantes oasis. As cila-das donde não se volta e donde quem lá cai jamais se liberta, representam-se amenas estancias, belos jardins...

E as sombras dos espectros que nos perseguem de noite, e se atravessam á beira do canto mais escuro do nosso caminho, aparecem-nos como se fossem o nosso proprio anjo da guarda...

Ah! as ilusões humanas, as ilusões da mocidade — como são acalentadoras e então em Portugal!

O ceu azul serve-lhes de fundo, neste palco ao ar livre da vida, de dia cheio de sol dos grandes scenarios, que nos estimula, á noite iluminado pelos clarões das grandes criações...

A vida corre, a natureza anima-nos não como as mães que para aguerrirem os filhos os costumam lançar contra as intemperies, mas como aquelas mundanas que facultam deleitos e caricias, que entorpecem o corpo e a que a alma não resiste...

E' tudo, tudo a incitar e a dar ás manifestações de vida modalidades que me lembram aquela experiencia para aprendizes de quimica aplicada, em que um tene-fio de aço aquecido, introduzido numa atmosfera de oxigenio, se esvae numa scintilação luminosa e fulgurante a que só resiste alguns segundos.

Ah! a vida intensa, a vida intensa: como a combustão dessa delgada mola de aço a representa bem! Como essas pobres scintelhas incandescentes incarnam as manifestações da nossa vida, com o seu esplendor, o seu brilho intenso e fugidio...

E depois, os sentimentos affectivos, as paixões dominam a vontade, absorvem, ordenam a vida espirital e fisica — o coração vence e arrasta a razão...

Mas afinal tudo isto para quê? — palavras, palavras, e a palavras se reduz com efeito tudo o que constitue a nossa vida...

E, voltando á historia, fo tremendo, que a pobre mãe assistiu á abalada do unico amparo, da unica esperança que lá foi, mar-fóra, a tentar vida e fortuna no Brazil, que os nossos antepassados descobriram como fizeram a todo o mundo e povoaram e onde parece que já secou a arvore das patacas para a mãe-patria...

Deu o signal de largar... Os olhos dos espectadores marejaram-se de lagrimas, e no fundo da alma dos que ficaram a duvida apertava-lhes o coração. O que faria o destino dos que para ali iam, e quantos ao acaso, tentar vida nova? A que baixios as correntes tambem do acaso os levarão e a que paragens irão ter os restos do naufragio, se os houver!...

Viera na vespera do seu canto da provincia, onde se lhe partira a alma ao deixar a mãe, e naquela manhã triste de outono, no caes da Areia, fixando a terra com certo receio inexplicavel, encostado á amurada do *Patria*, em vão o pobre rapaz procurava uma casa conhecida a quem dizer adeus...

Vendo lenços acenar de todos os lados, o seu servi-lhe apenas para lhe ajudar a ocultar o pranto, que não estava na sua mão...

— E minha Mãe, e minha Mãe...

E os lenços lá ficaram para traz, sempre a acenar, como azas de pombas brancas presas no pombal...

*

O tempo passara, enrugara mais e mais a face mirrada da velha mãe e um clarão de saudade lhe iluminava constantemente o olhar que as lagrimas velavam...

Cumpridos os pesados encargos do pão quotidiano aos que, por dó, a utilizavam; nas longas noites de insonia, recordava-se sempre da mocidade do marido, dos outros queridos filhos que já tinham ido, e por



cima de tudo pairava a imagem do Manuel, a pobre criança que, só, sem outra bagagem que não fosse o seu debíl corpito, fóra para além, por esses mares fóra, para terras e gentes desconhecidas, trabalhar, matar-se talvez, para que um dia pudesse dar á sua velha mãe um conforto a que ela não estava habituada e que, como tantas vezes lhe repetira, bem dispensava.

E tinha sempre deante da vista aquela triste madrugada da partida, em que o frio e a saudade lhe constrangiam o coração e a deixaram para ali ficar, horas esquecidas, a vêr o seu filho deixal-a talvez para sempre, naquela diligencia que lh'o levava e que um presentimento negro lhe apresentava como se fosse um crro mortuario...

Foi. E por lá andou mezes e anos. E por lá desfez as ambições doiradas da juventude num trabalho mortificante, em serviço dos negreiros modernos...

As ilusões, na luta ingloria com armas deseguaes, foram-lhe ficando nos espinhos acerados dos caminhos...

Por vezes ainda o estimulava a grande esperanza que para ali o lançára, para o fundo humido e sombrio daqueles armazens que podiam servir para criptas.

Via a imagem da mãe querida e ele resolveu por fim começar a iludir as cartas que sempre recebia, pedindo-lhe noticias, trocando as resoluções do destino, inventando situações vantajosas, fantasias estas que, do outro lado do mar, caíam no coração da pobre mãe como um balsamo dulcificante...

A mocidade da pobre criança, engajada áquela escravatura branca, amortecia e estiolava num cansaço precoce as florescencias proprias da idade, numa abdicção do espirito que se revelara na renuncia á luta, cuja consumação no descanso eterno já apenas o contrariava por lhe sobreviver o triste pranto da pobre martir...

E nos raros momentos em que a alma da pobre criança se enfeitava, via o lar paterno, e o orfão procurava recordar-se do pae de que a memoria só lhe conservava as caricias, como brinquedos infantis.

Então era a terra natal, eram os bandos esturdios de raparigas, que tinham crescido com ele, eram os companheiros alegres e descuidados, era o sol acalentador dos dias da primavera, e as lindas canções que ele ainda tinha nos ouvidos, dos ranchos que, de madrugada, com o nascer do sol, iam alegres para o trabalho...

Como tudo tinha mudado!

Dir-se-hia que uma fada má o tocára com o seu sceptro fatal... — e porquê? — perguntava a si proprio o infeliz adolescente.

E a lembrança saudosa da santa mãe, imagem do sacrificio e da dôr, tinha-a sempre como num altar, com os seus grandes e lindos olhos resos de pranto levantados ao ceu, oferecendo-se em holocausto a Deus para que lhe conservasse o seu filho, com uma grande confiança em Nossa Senhora Purissima, tambem mãe infeliz e pedindo-lhe que intercedesse para que fosse poupada a esse sacrificio, a que a morte já tantas vezes a sujeitára, levando-lhe o marido, os filhos, roubando-lhe toda a sua unica grande riqueza...

— Se a minha mãe soubesse o trabalho que eu tenho, mandava-me mais um beijo — dizia a si proprio, em voz alta, aquela criança, que nem tinha a quem fazer as confidencias da desgraça...

Na noite fria desse natal, o correio bateu uma pancada seca e desprezível, e deixou uma carta por baixo da porta da miseravel viuva.

O carteiro com pressa e frio (de mais a mais, noite de natal, e já a pensar na consoada) nem se dera á curiosidade de ler mais nada, além do carimbo *devolvido ao remetente*, em grandes letras negras, de resto dirigido a uma desgraçada daquelas.

A mãe correu a abri-la, á luz do candieiro, anciosa por saber que outras boas-novas lhe enviava o seu rico filho, de quem ha dois mezes não tinha noticias.

Ah! felizmente ele estava bem empregado e em casa de futuro garantido! Nem oiheu para o sobrescrito e abriu-o num repelão. Pasmou, porém, de encontrar a sua propria letra!... Mas era a ultima carta que escrevera ao seu Manuel. Não percebia... — Ele felizmente estava tão bem!...

O coração de mãe só então se constrangeu. Olhou para o envelope, que no verso, assinadas por uma garatuja e um numero, trazia a tinta vermelha, estas palavras que lhe pareceram escritas com sangue: «Já morreu».

Então a mãesinha caiu para o lado e morreu tambem. Foi assim que no dia seguinte os visinhos a encontraram!...

1-4-922.

ANTONIO RITA-MARTINS.

Ilustrações de Rocha Vieira





Os estudantes espanhóis que estiveram recentemente entre nós, de visita a Lisboa



Em frente da estação do Rocio. Um aspecto da multidão, em 9 de Abril, durante os dois minutos de silêncio

A PRIMEIRA TOURADA DO ANO



Um aspecto da tourada

Inaugurou-se no Campo Pequeno a época tauromaquica deste ano. As touradas — festas varonis da côr, da agilidade e da audacia — são das mais brilhantes e aparatosas exhibições que encantam os olhos da

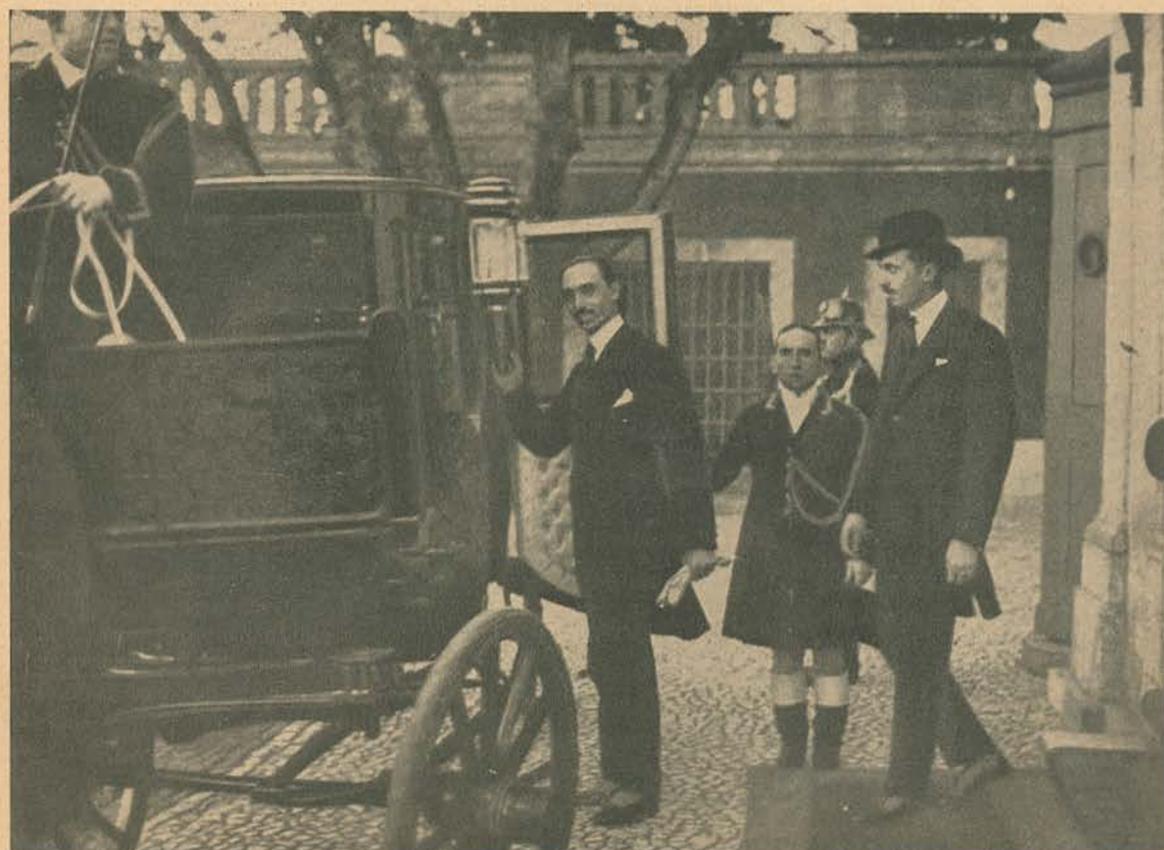


Raça. As nossas fotografias representam dois aspectos da primeira tourada do Campo Pequeno, onde se destacaram alguns belos momentos de coragem, de sucesso e de animação colorida.

Outro aspecto



S. Ex.^a o Sr. Presidente da Republica assinando a mensagem que telegraficamente O Seculo vai enviar aos heroicos aviadores. Junto o redactor de O Seculo sr. Albino Forjaz de Sampaio



Os principes de Bourbon e Parma, irmãos da ex-imperatriz d'Austria, saindo do palacio de Belem

OS LIVROS DA SEMANA



Mario de Campos

NA PENUMBRA DA GRANDE GUERRA. O SUPPLICIO DA ALMA pelo tenente-coronel *Mario de Campos*, professor da Escola Militar—O tenente-coronel Mario de Campos, que se distinguira já, na Bibliografia da Guerra, com dois curtos volumes, acaba de publicar um novo trabalho, interessante, notavel pela sua bella harmonia literaria e pelos inditos pormenores que vem contar sobre a epopeia dolorosa d'uma mulher heroica, trabalhando contra a tempestade, reagindo admiravelmente contra a violencia. Maria Adelaide, grã-duquesa do Luxemburgo, figurinha esbelta e aristocratica de soberana, conseguiu ficar nas memorias da Europa, como um alto-relevo de beleza e de martirio. Quando o ciclone alemão rompia desesperadamente contra a raça luminosa dos latinos—essa pequena princeza, fragil e epica, teve um gesto esplendido de coragem, de energia e de orgulho. Por isso a trataram com uma crueldade barbara os invasores da Belgica e da França, e por isso ela ficou, para sempre, rodeada d'uma santa auréola de sacrificio e de gloria.

O tenente-coronel Mario de Campos conta-nos, com uma suggestiva emoção, a agonia moral e estoica de Maria Adelaide no Luxemburgo—escrevendo assim algumas paginas felizes de evocação e de ternura.

A sua *plaque*, cuja disposição grafica é delicada e sobria, vai ser enviada para a exposição

do Rio de Janeiro—como um atestado do coração portuguez, da intelligencia portugueza—e, ao mesmo tempo, como um atestado da industria portugueza. Merece bem, esta pequena obra, que para ella chamemos a atenção dos intellectuaes e dos luziadas.

PROCISSIONAL, poemas] de Augusto Ferreira Gomes.

Para mim, com ligeiras livergencias de detalhe, a Arte é precisamente aquilo que faz Augusto Ferreira Gomes no seu livro de poemas: um estilizar de bizarrarias, um tremular de estandarões de cor, um barulho de símbolos e de sínteses vestidos de nodas e de espasmos. O artista do *ProciSSIONAL* é um decorador simpático, d'um policromatismo esplendido. Só lhe falta, dentro das minhas preferencias, uma qualidade: a musica. Augusto Ferreira Gomes tem um ouvido pouco musical, por vezes. Só por vezes, raramente—entenda-se bem. E' irregular de ritmos, e embora eu prefira sempre a maxima liberdade em Arte, expino que se deve reprimir essa liberdade, quando ella se encontra em batalha com a Beleza.

Gostei imenso das poesias *Fa, O Espetro, Ao longe, Vagamente...*, *Agua forte, Quatro Canções Noturnas, Hydromel, Jardim deserto, Sêsta*.

Do soneto *Pação* destaco as duas quadras:

Rolam pelos pomares os frutos azulados
e o vinho, em traços d'ouro, tem gritos
d'Ametista!...
Ha nos catos em flor um riso que con-
trista,
e os altos girasóis estão de luar mol-
lhados...

Sons d'uma planta ao longe singulares,
magados,
fendem a planície. Longe, a perder de
vista,
não ha corpo de ninfa que ao ar resista...
E a Noite vai abrindo os cellos perfa-
mados...

Tambem aqui quero deixar a nota impressionista e originalissima dos *Galgos*.

Os galgos galgam a atagada estrada
em saltos cobaltos de livida sombra
e a lua flutua branca e marchetada

na marcha opiada e leve que assombra
os risos dos guizos pela estrada fóra,
que meia desmaia molhada de sombra.



Assis Esperança

E os galgos galgam—olhos cor de Au-
para—
Junto da liteira que ligeira corre
na sombra opiada, pela estrada fóra

ProciSSIONAL fica entre os últimos volumes de poetas que o meu apreço marcou, decididamente, em alto-relevo.

VIVER, romance por Assis Esperança. Assis Esperança é um novo que já, na *Vertigem*, publicada, se me não engano, ha dois anos, revelava, indisciplinadamente ainda, qualidades viris de romancista. Agora, no *Viver!*, recentemente apparecido, Assis Esperança domina melhor a sua prosa violenta, exaltada, em frases altas—e dá-nos um comovido e intenso estudo, psico-patologico, o estudo d'um analista masculino, tenaz, que não recua em frente d'uma audacia, não hesita em frente d'um abismo, não se intimida em frente d'um enigma. As personagens de Assis Esperança tem uma *patine* de humanidade latejante, cheia de clarões e de tragédias, voando para imensidades de beleza.

Assis Esperança não é decididamente um artista. Não se preoccupa com o ritmo das frases, com a riqueza das imagens, com a picturalidade dos ambientes. Ele é, sobretudo, rudemente, um observador de intimidades de consciencia, intimidades enfermas, onde se sofre, em convulsões, em sacrificios de Dor. A Dor crepita no seu livro *Viver!* E eu já o escrevi, nos *Olhos Cinzentos*: Sofrer é viver até ao fundo d'Alma...

TONICO FORMIOL MUSCULAR

(REGISTADO)
MEDICAMENTO DE EXITO NOTAVEL

Na cura da fraqueza geral, fraqueza cerebral, fraqueza genital, neurastenia, anemia, tuberculose, doenças do coração e pulmões,

afeções nervosas, suores noturnos, prostração física, menstruações irregulares, perdas seminaes, escrofulas, linfatismo, falta de apetite, palidez, hemorragias, afeções osseas, raquitismo, digestões laboriosas, prisão de ventre e fraqueza senil. Rápido e energico. Tonico por excelencia do sistema nervoso e muscular, aumentando sempre a resistencia á fadiga derivada

do esforço muscular prolongado, quintuplicando as forças e evitando a pobreza fisiologica, traduzindo-se o seu efeito por um aumento de peso e das forças. As pessoas que habitam nos climas quentes e as que se dedicam ao «sport» tem absoluta necessidade de fazer uso do «Formiol», com o fim de evitarem o exgotamento fisico derivado do excesso do clima e do abuso das forças.

Este medicamento tem sido experimentado por varias sumidades medicas e doentes (como podemos provar) obtendo sempre otimos resultados. Não tem dieta. A venda em todas as farmacias e drogarias. Preço 5-00. Correio, até dois frascos, mais 50 centavos. Depósito geral: Farmacia Albano, rua da Escola Politecnica, 59, Lisboa. Depositarios em Lisboa: Farmacia Barral, rua do Ouro, 123; Estacio, Rocio, 60; Azevedo, Rocio, 31; Pimentel & Quintans, rua da Prata, 196. Porto: Farmacia Birra, Praça da Liberdade, 124. Coimbra: Farmacia Nazareth, R. Ferreira Borges, 139. Santarem: Farmacia Bastos, R. da Misericordia, 121. Setubal: Farmacia Oliveira, R. da Misericordia, 14. Evora: Farm. Ferro, R. João de Deus, 33. Faro: Bandeira & C.ª rua de Santo Antonio, 50. Africa Occidental: S. Tomé, José Pedro da Fonseca, rua General Calheiros. Benguela: Farmacia Continental. Louanda: Serra, Annes & Irmão

O ERGA

E', segundo a opinião dos Ex.^{ms} medicos que o tem experimentado, um tonico de eficacia certa e sem igual, sobretudo nas afeções seguintes:

Anemia, clorose, neurastenia, paludismo, doenças do peito e enfraquecimento geral. Excelente nas convalescenças.

Excita o apetite e dá força sendo muito bem tolerado pelo aparelho digestivo.

Preço 4\$00

DEPOSITO HYPODERMICA

R. DO SALITRE, 153 — TEGGF. 765 N

PARA APRENDEREM ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

devem requisitar a sua matricula no curso professado no Instituto Nacional de Ensino por Correspondencia,

Largo Trindade Coelho, 7 LISBOA

E' o curso preterido por todos os que se dedicam ou pretendem dedicar-se ao comercio, pois que, em 3 a 6 meses e economicamente, aprendem a fundo e sem o menor transtorno para as suas occupações habituais

ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

por partidas simples e dobradas.

O Instituto remete prospectos gratis para todos os pontos do paiz, ilhas, colonias e estrangeiro.

Accidentes e Golpes

É nisto que o

Linimento Sloan

conquista uma invejavel fama. Não ha nada que allieve tão promptamente a dor que produzem quedas, golpes, descollocações, ou qualquer outro accidente, como o

Linimento Sloan

Não deve faltar em fabrica alguma onde haja operarios expostos a accidentes de trabalho Penetra, sem fricção.

Allivia rapidamente. Tenha-o sempre ao alcance da mão.



(Vende-se em todas as Pharmacias)

Linimento de Sloan

MATA DORES

Depositarios exclusivos para Portugal e colonias: Walker Bros & C.º Trav. do Cotovelo, 37, 1.º - Lisboa. 11. R. MOUSINHO DA SILVEIRA — Porto

O passado, o presente e o futuro

Revelado pela mais celebre chiro-mante e fisionomista da Europa

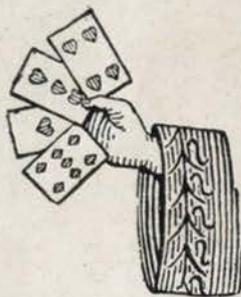
Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fziologia e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenigny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes: da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Faia portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas todos os dias uteis, em seu gabinete: 43. RUA DO CARMO, 43 (sobre-



das 11 da manhã ás 7 da tarde (toia) — Lisboa

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo eschrepe no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

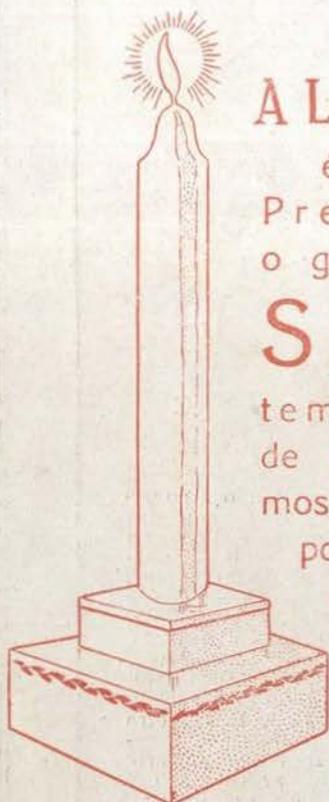
Consultas todos os dias uteis das 12 ás 22 horas e por correspondencia. Enviar 50 centavos para resposta.

Calçada da Patriarcal, n.º 2, 1.ª, Esq. (Clmo da rua d'Alegria, predio esquina).

ver, quarta-feira, o

Suplemento de MODAS & BORDADOS DO "SEculo"

Preço: 20 centavos



A LUZ DA VIDA

é a saúde.

Precisamente
o grande tónico

Sanitol

tem sido a luz
de muitos organis-
mos depauperados
por ser um tónico

que centenas
de médicos
receitam e
milhares de
doentes usam.

A' VENDA EM TODAS AS BOAS FARMACIAS

DEPOSITARIOS

LISBOA — Azevedo, Irmão & Veiga

RUA DO MUNDO, 24

PORTO — Lourenço, Ferreira Dias L.^{da}

RUA DAS FLORES, 157